



(<https://focusonthekingdom.org/>)

O que há numa palavra?

Recuperar o Vocabulário do Novo Testamento

(Originalmente apresentado como artigo na Conferência Teológica de 1996 realizada no Atlanta Bible College)

Título Original (em Inglês):
“*What’s in a Word?
Recovering the Vocabulary of the New
Testament*”.

por Anthony F. Buzzard

(Originalmente publicado em 1998 na Radical Reform Magazine, Inverno de 1998, Vol. 7, nº 2.)

Tradução (Translation):
Fernando Coutinho Sánchez
(ferjosousan@gmail.com)
Machalí - Osorno, Chile,
setembro de 2024

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Revista e atualizada (ARA). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres *ITÁLICOS*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “*ITÁLICOS*” e/ou transliteradas para o português.



I. INTRODUÇÃO

Foi dito, com razão, que a linguagem que usamos nos usa. Se dissermos algo durante muito tempo, acreditaremos. *Marvin Wilson*, autor de “*Our Father Abraham*” (O Nosso Pai Abraão),^[1] recordou-nos isto quando salientou que o nosso uso do termo “Antigo Testamento” tende a fazer-nos pensar na Bíblia Hebraica como descartável, desatualizada ou obsoleta. Isto sugere que uma tendência distintamente marcionita ainda afeta muitos estudos bíblicos na nossa época. Marcião

foi um cristão gnóstico de meados do século II, rejeitado por muitos porque não gostava do Antigo Testamento e limitou o seu cânone ao Evangelho de Lucas e a algumas cartas de Paulo. Hoje, é frequentemente prestada homenagem verbal aos 77% da nossa Bíblia a que chamamos Antigo Testamento. Muitos, sem se aperceberem, não se apercebem do seu papel fundamental e indispensável como chave de acesso à mente de Jesus, que declarou expressamente que não veio para a abolir, mas para a completar e atingir a profundidade do seu significado (Mateus 5:17). Esta infeliz tendência para tratar a Bíblia Hebraica como algo de segunda classe ou de interesse histórico apenas confunde e frustra os esforços dos cristãos dedicados para se unirem em torno dos ensinamentos e práticas bíblicas. Se os leitores da Bíblia definissem o Reino de Deus, e na verdade Deus e o Messias, em termos dos profetas hebreus (especialmente Daniel), poderia haver unidade na igreja dividida que agora parecemos aceitar como normal. Jesus reconhece, obviamente, a Lei, os Profetas e os Escritos como o repositório divino de instrução em que se pode confiar como um apoio maciço à fé em Deus e no Seu Plano. As tendências atuais que questionam a validade do cânone parecem-me tão problemáticas como tentar jogar xadrez sem saber onde estão as margens do tabuleiro. Sem um cânone autorizado, não há fé para discutir. Consideremos, em primeiro lugar, alguns exemplos de palavras bíblicas que afetam dramaticamente a compreensão.

II. A PALAVRA EM JOÃO 1:1

Será a tradução atual de *João 1:1* realmente uma tradução, se por tradução entendermos a transmissão do original para um equivalente inteligível na língua de chegada? A frase “*o Verbo estava com Deus*” significa alguma coisa em português? Quando foi a última vez que a palavra dele foi “consigo”? Suspeito que as nossas traduções padrões atuais, embora possam estar corretas palavra por palavra, permitem simplesmente ao leitor sentir-se bem com a cristologia ortodoxa recebida do Filho eterno a assumir a natureza humana. A letra maiúscula em “Palavra” sugere imediatamente uma pessoa pré-existente. E muitos leitores (11 milhões de exemplares em todo o mundo em muitas línguas) recebem uma paráfrase como a da *Bíblia das Boas Novas*: “*Antes de existir qualquer outra coisa, havia Cristo, com Deus. Esteve sempre vivo e é o próprio Deus. Ele criou tudo o que existe. Não há nada que ele não tenha feito.*”^[2] A ortodoxia do leitor é ainda mais confirmada. Mas o erudito católico romano *Karl-Joseph Kuschel*, no seu recente tratamento extensivo da questão da origem de Cristo, pergunta: “Por que lemos instintivamente: ‘No princípio era o Filho e o Filho estava com Deus?’”^[3]

Parece-me que a Bíblia Hebraica deveria ser a nossa primeira linha de investigação se quisermos chegar à intenção de João no prólogo. Como me disse um professor no seminário: “Se não compreende o Antigo Testamento, não compreenderá o Novo Testamento”. Surpreendentemente, nenhuma ocorrência da palavra hebraica “*davar*” (palavra) correspondente à palavra grega “*logos*” de João fornece qualquer evidência de que a “palavra desde o princípio” significa uma *pessoa*, muito menos uma segunda Pessoa divina incriada, o Filho de Deus. “*Davar*” no Antigo Testamento significa “palavra”, “matéria”, muitas vezes “promessa” ou “intenção”, mas nunca uma pessoa.

Porque é que João não deveria dizer que a atividade criativa e expressiva de Deus, a sua palavra ou sabedoria, o índice da sua mente, estava “com Ele”, tal como a sabedoria estava “com [para] Ele” em *Provérbios 8:30*? Na verdade, *Provérbios 8* tem paralelos notáveis com o que João diz mais tarde sobre Jesus. A vida encontra-se nas palavras de Jesus (*João 6:63*), tal como se encontra na Sabedoria. A sabedoria clama tal como Jesus (*João 12:44*), exortando as pessoas a seguirem os

seus ensinamentos. O que é pregado sobre a Sabedoria em Provérbios é atribuído a Deus noutros lugares (*Jó 12:13-16*).

O primeiro versículo de João também nos lembra o que a Sabedoria diz em *Eclesiástico 24:9*: “Deus criou-me desde o princípio, antes do mundo”. Existem boas evidências de que as preposições hebraicas “*im*” ou “*et*”, que significa “com”, podem descrever a relação *entre uma pessoa e o que está no seu coração ou na sua mente*. Mesmo em português poderíamos dizer “O que é que ele tem de errado?” ou “O que se passa com ele?”, não significando que algo está próximo de alguém, mas que algo se passa dentro dele. Eis alguns exemplos interessantes do uso das preposições hebraicas “*im*” e “*et*” na Bíblia Hebraica:

“Estou (*com*), sozinho = na própria consciência, seja de conhecimento, memória ou propósito” ^[4]:

Números 14:24: “*que nele houve outro espírito*” (operando na sua mente)

1 Reis 11:11: “*Visto que assim procedeste [Salomão]*” (o que desejas)

1 Crônicas 28:12: “*Também a planta de tudo quanto tinha em mente*” (na sua mente)

Job 10:13: “*Estas coisas, as ocultaste no teu coração*” (paralelo a “escondidos no teu coração”; NVI: “*na tua mente*”; NASV: “*Eu sei que estas coisas são o teu propósito*”)

Job 15:9: “*Que entendes, que não haja em nós?*” (não compreendemos)

Job 23:10: “*Mas ele sabe o meu caminho*” (o caminho que eu conheço)

Job 23:14: “*Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito e muitas coisas como estas ainda tem consigo*” (Ele tem muitos propósitos como estes); LXX: “*Ele queria uma coisa e fê-la*”.

Job 27:11: “*e não vos ocultarei o que está com o Todo-Poderoso*” (Os seus propósitos)

Salmo 50:11: “*Conheço todas as aves dos montes,*” (conhecidas por Mim, no Meu pensamento e cuidado)

Salmo 73:23: “*Todavia, estou sempre contigo*” (nos teus pensamentos)

Et: “diz-se que um sonho ou palavra de Javé está com o profeta”. ^[5]

Gênesis 40:14: “*Porém lembra-te de mim, quando tudo te correr bem*” (literalmente, “Lembra-te de mim contigo”). A Palavra era o que Deus tinha em mente.

2 Reis 3:12: “*está com ele a palavra do SENHOR*” (comparar, 2 João 2: “*por causa da verdade que permanece em nós e conosco*”; Gálatas 2:5: “*ara que a verdade do evangelho permanecesse entre vós*”).

Isaías 59:12: “*porque as nossas transgressões estão conosco*” (no nosso conhecimento, presentes na nossa mente). (Compare-se, João 17:5: “[Jesus] *com a glória que eu tive junto de ti*” – presente na mente de Deus, como Seu propósito)

Jeremias 12:3: “*provas o que sente o meu coração para contigo*” (literal: “Proveste o meu coração contigo”)

Jeremias 23:28: “*O profeta que tem um sonho*”

Jeremias 27:18: “*a palavra do Senhor está com eles*”

Job 14:5: “*Visto que os seus dias estão contados, contigo está o número dos seus meses*”
(conhecido por ti)

Provérbios 2:1: “*E esconderes contigo os meus mandamentos*” (= contigo)

Provérbios 11:2: “*Mas com os humildes está a sabedoria*”

Tendo em conta este contexto hebraico, sugiro uma tradução de *João 1:1, 14* da seguinte forma: “*No princípio Deus tinha um Plano e o Plano foi estabelecido como o Decreto de Deus e o Plano era uma expressão plena da mente de Deus. Deus... e o Plano foi encarnado no Messias Homem Jesus*”.

O Propósito de João

Creio que no seu prólogo João contraria a tendência gnóstica para uma ideia dualista ou pluralista de Deus. Um cristão gnóstico acreditava que o Deus inefável e inacessível, que estava remoto e distante da sua criação, era mediado no seu mundo por figuras divinas menores, ou por uma única figura divina menor (os vários sistemas gnósticos diferem neste ponto). *Justino Mártir*, que certamente não reivindicou qualquer filiação gnóstica, no entanto não tem escrúpulos em falar de Jesus como o Filho que é “*um segundo Deus aritmeticamente*”, mas *não incriado* e eterno como o Filho no sentido trinitário desenvolvido, mas como pré-criado. *Justino* envereda por um caminho que parece estranho ao NT quando vê o Filho de Deus ativo nos tempos do AT como o anjo do Senhor. *Tertuliano*, conhecido como o fundador do cristianismo latino, conhece também *um segundo ser divino* que foi gerado no tempo pelo Pai.¹⁶ Esta cristologia, que tem afinidades sinistras com o dualismo gnóstico, não poderia ter prosperado a não ser que se assumisse primeiro que João queria dizer que *o Filho*, ao contrário da palavra de sabedoria de Deus, existia desde o princípio. O público continua a confiar fortemente em *João 1:1* para a doutrina da divindade coigual de Cristo. Mas o que teria acontecido se tivessem sido instruídos em qualquer uma das oito traduções inglesas que precederam a publicação da KJV em 1611?¹⁷

Outra linha de investigação sobre o significado de João é a literatura extra bíblica do Judaísmo. No “*Qumran Manual of Discipline*” (Manual de Disciplina de Qumran) aprendemos que “Pelo conhecimento de Deus tudo acontece; e tudo o que Ele é, estabelece pelo Seu propósito; e sem Ele [ou Ele?] nada se faz”. Certamente que isto é um eco do que João disse: “*Todas as coisas foram feitas por intermédio dele [a palavra], e, sem ele, nada do que foi feito se fez*” (1:3). Em *I QS iii 15* lê-se: “*Do Deus do conhecimento vem tudo o que é e tudo o que será*”, e nos Apócrifos: “*Ó Deus que fizeste todas as coisas pela Tua palavra*” (*Sabedoria 9:1*) e ainda, em *Eclesiástico 42:15*: “*Agora me lembrarei das obras do Senhor; e contarei as coisas que tenho visto: As suas obras estão nas palavras do Senhor*”. Nas *Odes de Salomão*, aprendemos que “*os mundos foram feitos pela palavra de Deus*” e pelo pensamento do Seu coração (16:19).

Estamos certamente na atmosfera do Deus que falou e fez isto em *Génesis 1*, e em *João 1:1* aprendemos mais sobre a atividade auto expressiva e criativa da palavra que (não “quem”) se tornou Jesus. Jesus é, portanto, aquilo em que a palavra *se tornou*. Penso que muitos estudiosos chegariam a este tipo de interpretação se não estivessem sob as restrições da ortodoxia. É

interessante, por exemplo, que o grande *F.F. Bruce*, surpreendentemente, escreveu sobre *João 1:1* e o problema da preexistência de Cristo: “Quanto à questão da preexistência, pode-se pelo menos aceitar a preexistência da palavra eterna ou sabedoria de Deus que (quem?) Ele encarnou em Jesus. Mas não é tão claro se algum escritor do Novo Testamento acreditava na sua existência consciente separada como uma *'segunda Pessoa Divina'*... Não estou tão certo de que Paulo acreditasse assim”.^[8] Afinal, será isto algo diferente da simples definição oferecida pelo “*Lexicon of Arndt and Gingrich*” (Léxico de Arndt e Gingrich)? Dizem sobre a “palavra” de *João 1:1*: “A nossa literatura mostra traços de um modo de pensar que foi difundido no sincretismo contemporâneo, bem como na literatura de sabedoria judaica e em *Filon*, cuja característica mais proeminente é o conceito do “*Logos*”, a ‘Palavra’ independente e personificada (de Deus ... esta ‘Palavra’ divina tomou forma humana numa pessoa histórica”.^[9] É muito reconfortante que uma autoridade tão prestigiada nos ofereça esta definição. Observa-se que *Arndt e Gingrich* nada disseram sobre a palavra que significa Filho antes do nascimento de Jesus. A “palavra” de *João 1:1*, pensam eles, é uma personificação, não uma Pessoa.

E, no entanto, sem a crença neste segundo Filho pré-existente não é possível, pelo menos aqui no Cinturão Bíblico, qualificar-se como um crente genuíno. Que paradoxo incrível! A situação é diferente ao nível dos estudos bíblicos académicos.

Quanto está então em causa na palavra, “palavra”? É uma Pessoa pré-existente ou um propósito? Hoje, uma decisão sobre este ponto é praticamente a diferença entre ser aceite como cristão ou como incrédulo, como descobrimos recentemente quando um zeloso grupo de caçadores de heresia de Atlanta nos declarou publicamente hereges.

Mas e se entendermos que a “palavra” em *João 1:1* significa o Segundo Membro da Trindade, pré-existente no seu nascimento como o Filho Eterno? Sinto-me encorajado pelo facto de um recente professor de Teologia em Cambridge, *Geoffrey Lampe*, ter alertado os seus colegas para o quanto está em risco se adotarmos o entendimento tradicional de “palavra” como uma Pessoa pré-existente. Escrevendo como professor de história da igreja primitiva, deplorou a transição do Filho de Deus bíblico para a noção de Deus Filho:

O conceito cristológico do Filho divino pré-existente reduz a personalidade real, social e culturalmente condicionada de Jesus à abstração metafísica da “natureza humana” ... A natureza humana, segundo a tradição clássica alexandrina, foi *enhipostatizada* na Pessoa divina do Filho; ela [a “natureza humana impessoal”] tornou-se a natureza humana de um sujeito pessoal divino... De acordo com esta cristologia [que sobreviveu como ortodoxia até aos dias de hoje], o Filho eterno assume uma natureza humana intemporal, ou torna-a intemporal ao fazer é seu; É uma natureza humana que nada deve de essencial às circunstâncias geográficas; não corresponde a nada do mundo real e concreto; Afinal de contas, Jesus [de acordo com esta teoria] não “veio em carne”.^[10]

Nem preciso salientar que as críticas do erudito professor implicam que a visão tradicional de Jesus como possuidor de um centro pessoal divino ou ego unido a uma natureza humana impessoal é classificada como a visão anticristã condenada por João em *1 João 4:2* e *2 João 7*.

O professor *Paul van Buren* é igualmente firme na sua convicção sobre os perigos de ler *João 1:1* como uma declaração sobre um Filho pré-existente:

Não há nenhuma indicação clara de que a prioridade de Jesus fosse intencional num sentido temporal. Podemos concluir que, para a igreja primitiva, Jesus recebeu realmente a prioridade

que os rabinos atribuíram à “*Torá*”. Se alguém reivindicasse prioridade no sentido temporal [como faz a Ortodoxia], estaria a afirmar que Jesus de Nazaré, nascido de Maria, existia com Deus antes da criação do mundo. Esta afirmação seria pior do que ininteligível; destruiria toda a coerência da afirmação cristã essencial de que Jesus era verdadeiramente um ser humano, de que o Verbo se fez carne... Jesus de Nazaré começou a sua vida, começou a existir, num momento definido da história: o Verbo fez-se carne. ^[11]

Os anabatistas radicais de tendência unitária bíblica podem ser grandemente encorajados por estas observações perspicazes de estudiosos contemporâneos. Podem também querer aproveitar a erudição refinada de *Kurt Rudolph*, cuja análise dos efeitos rastejantes do gnosticismo do século II sobre a fé original está agora exposta à vista do público. *Rudolph* salienta isso mesmo quando salienta que os gnósticos, que todos reconheciam como hereges, conseguiram na verdade deixar a sua marca desastrosa naquilo que mais tarde se tornou a chamada ortodoxia clássica na definição de quem era o Filho de Deus. Vamos ouvir o que ele tem a dizer sobre o que realmente aconteceu naqueles primeiros esforços da igreja para explicar como o Filho pré-existente poderia ser um ser humano:

Os primeiros padres cristãos, especialmente *Ireneu* e *Tertuliano* [do século II], esforçaram-se muito por encontrar formas de tornar inteligível a divisão predominante do único Jesus Cristo num sentido não gnóstico. Em rigor, não tiveram sucesso. *Harnack* já foi forçado a dizer: “Quem pode sustentar que a Igreja alguma vez superou a doutrina gnóstica das duas naturezas ou o docetismo valentiniano?” Nem mesmo os concílios posteriores da Igreja, que discutiram os problemas cristológicos em definições complicadas e hoje pouco inteligíveis, o conseguiram fazer; a unidade da Igreja naufragou precisamente nisto ... Muitas vezes foi esquecido que os teólogos gnósticos viam Cristo como “consustancial” ao Pai, antes que a teologia eclesiástica estabelecesse isto como um princípio, para preservar a sua plena divindade. ^[12]

Podemos ficar satisfeitos por estes especialistas nos fornecerem precisamente as informações persuasivas de que necessitamos para defender o nosso argumento. Os gnósticos, dizem, produziram uma visão “ortodoxa” de Jesus como o Filho eterno que assume uma natureza humana impessoal, antes de a “ortodoxia” adotar a *mesma fórmula*. A igreja, dizem ele, na sua formação clássica de dogma, não ganhou a batalha contra os gnósticos, mas absorveu algumas das suas ideias filosóficas maliciosas. Este facto infeliz “foi frequentemente esquecido”, diz *Rudolph*. Mas estes são factos que precisam de ser apresentados, para que a informação que é poderosa possa levar a igreja de volta a uma visão genuinamente não-gnóstica de Jesus como o Messias e Filho de Deus naquele sentido hebraico e messiânico. Que tremendo potencial teria isto para convidar judeus e muçulmanos, que acreditam que Deus é Um, a considerar as reivindicações de Cristo!

III. ALMA – “O DUALISMO HELENÍSTICO ESTÁ VIVO E FUNCIONA” ^[13]

Permitam-me agora passar para outra palavra que criou o maior caos para os leitores da Bíblia. A palavra “alma” continua a ser uma fonte de grande confusão, afetando quase tudo o que é dito nas principais igrejas contemporâneas sobre escatologia pessoal, o que acontece quando morremos. Quando os leitores da Bíblia pensam no seu destino, a parábola de Lázaro e do homem rico continua a ser o primeiro ponto de referência. Não consigo compreender como se justifica esta metodologia. Deverá a Bíblia Hebraica ser totalmente ignorada, especialmente quando contém

tanta informação específica sobre o estado do homem na morte? O *Xeol/Hades* no Antigo Testamento é um lugar sombrio de inatividade e esquecimento. *Eclesiastes 9:5* diz que os mortos não sabem absolutamente nada, e *Isaías 38:18* que é impossível aos mortos louvarem a Deus (nem é preciso multiplicar os exemplos). Esta visão da vida após a morte não impressiona de forma alguma a grande maioria dos fiéis que foram treinados para pensar numa sobrevivência feliz no céu imediatamente após a morte. Dizem-nos constantemente que os “corpos” dormem, mas as “almas” não. Mas será este tipo de dualismo corpo-alma diferente da antiga visão gnóstica helenística da natureza do homem disfarçada de cristianismo? Sempre que o texto bíblico em ambos os Testamentos fala dos mortos como adormecendo e permanecendo adormecidos até à ressurreição, refere-se a pessoas, e não a corpos. Para Paulo são os mortos, e não os cadáveres, que ressuscitam ou são despertados na ressurreição. Se em *1 Coríntios 15* “egeiro” tivesse sido traduzido por “despertar do sono” ou “ser despertado do sono”, a doutrina do sono dos mortos teria sido ainda mais impressionante. Não consigo compreender porque é que deveria ser tão difícil seguir o ensinamento de Jesus quando disse do seu amigo Lázaro que estava a dormir, ou morto, e que pretendia acordá-lo daquele sono de morte. A palavra que João escolheu usar ali, de forma bastante fascinante, é a mesma palavra que se encontra em *Job 14:12* (LXX), onde Job fala dos mortos despertando do seu sono.

Foi a *alma de Jesus* (ou seja, o próprio Jesus) que foi para o “*Hades*”, mas não foi abandonada lá (*Atos 2:31*) e três dias depois ele emergiu do túmulo como a pessoa ressuscitada, o mesmo ser humano agora imortalizado. Noto que Paulo disse (*1 Coríntios 15:1-3*) que para crermos corretamente no evangelho devemos acreditar que Jesus morreu *de acordo com as Escrituras* e que depois de ser sepultado ressuscitou *de acordo com as Escrituras*. Suponho que para acreditar nestas coisas sobre a morte e ressurreição de Jesus *de acordo com as Escrituras*, é preciso acreditar na ideia bíblica da morte de toda a pessoa e da ressurreição de toda a pessoa para a vida. Paulo teria achado problemática, para dizer o mínimo, a ideia de que Jesus não morreu realmente como pessoa, mas simplesmente sobreviveu como espírito desencarnado. Será que Paulo aceitaria como ressurreição a ideia de uma alma ou espírito imortal ser novamente unido a um corpo? Aceitaria acreditar na morte de um Salvador que não poderia, sendo Deus imortal, morrer verdadeiramente?

Talvez não gostemos de pensar na geografia da morte, mas o facto é que a Bíblia nos apresenta esta informação. Jesus claramente não foi ter com o seu Pai no dia em que morreu (*João 20:17*). Ele esperava ficar no coração da terra durante três dias (*Mateus 12:40*), e Pedro viu o Salmo 16 como uma informação crucial que prova que Jesus morreu e foi para o *Xeol/Hades* antes de ser ressuscitado. É claro que este era o procedimento padrão para os moribundos em todo o Antigo Testamento. Na verdade, o estado dos mortos nestes 77% das nossas Bíblias é exatamente como *Eclesiastes 9:5* descreve: “*Os mortos nada sabem*”. O comentário de Keil aqui é muito revelador, pois reflete sobre as tentativas algo desesperadas dos comentadores para se livrarem desta informação que não se ajusta bem às ideias recebidas sobre o que significa morrer:

Em vão o “*Targum*”, o “*Midrash*” e os antigos intérpretes cristãos referem *Eclesiastes 9:5* aos *ímpios mortos* [apenas]; outros consideram que o escritor do *Eclesiastes* introduz o discurso dos ateus e interpreta, sob a influência de um monstruoso autoengano, o *versículo 7* como a voz do espírito em oposição à voz da carne. Mas o que *Eclesiastes 9:5* diz aqui apenas de uma forma particularmente dura é a visão do “*Hades*” [morte] predominante no Antigo Testamento. [14]

O mal-entendido sobre “alma”, que na Bíblia significa a própria pessoa ou a vida de uma pessoa, continuou a causar problemas na passagem do milénio em *Apocalipse 20*. O que João viu ali foram

“*as almas dos decapitados*” (versículo 4), que então reviveu e começou a reinar com o Messias durante os 1000 anos na “*primeira ressurreição*” (versículo 5). Devemos abandonar a ideia de que a “alma” implica aqui uma parte imortal e separável do homem que sobrevive à morte. Podemos tirar coragem da observação do “*Interpreter’s Dictionary of the Bible*” (Dicionário do Intérprete da Bíblia) que diz: “Nenhum texto bíblico autoriza a declaração de que a ‘alma’ é separada do corpo no momento da morte”.^[15]

O que João testemunhou como “*as almas dos decapitados*” foram simplesmente “aquelas pessoas que foram decapitadas”. Se compararmos este tipo de linguagem com *Romanos 2:9, 10*, verificamos que em Romanos haverá ira sobre “*todo o ser humano*” e na linha seguinte sobre “*primeiro o judeu e também o grego*”. “Alma” não é mais do que a pessoa ou o indivíduo inteiro. Este é também o caso em *Apocalipse 18:13*, onde “*almas dos homens*” são simplesmente pessoas humanas. *Apocalipse 20:4* significa que João viu aqueles *indivíduos* que perderam a cabeça por causa da fé. Agora ganharam vida na visão e *começaram a reinar com o Messias*. Esta é, obviamente, a esperança cristã para todos nós, e um dos grandes motivos impulsionadores do Novo Testamento. É também puro pré-milenismo.

Há sinais de que a “alma” possa ser resgatada do seu longo exílio em território filosófico grego estrangeiro? Pode ser reinstaurada no seu próprio contexto hebraico nativo como a palavra para descrever criaturas vivas, tanto homens como animais, mortais e, no caso do homem, que necessitam de obter a imortalidade através do espírito, através da crença no Evangelho do Reino e? da ressurreição na “*Parousia*”?

Um desenvolvimento recente no mundo anglicano dá-nos motivos para esperar que outros estejam a pensar sobre a visão bíblica do homem. Fiquei tão entusiasmado com o que *George Carey*, o atual Arcebispo de Cantuária, tinha escrito sobre a “alma” sobrevivente não fazer parte do verdadeiro vocabulário cristão, que escrevi o seguinte ao Reverendíssimo Senhor Arcebispo:

Numa aula sobre escatologia bíblica aqui no Atlanta Bible College, utilizámos excertos do seu muito interessante livro “*Believe in Man*” (Acreditar no Homem). Gostaria de saber se me permitiria refletir sobre alguns pontos que levantou no seu último capítulo, “*The Destiny of Man*” (O Destino do Homem).

Como alguém nascido e criado na Igreja de Inglaterra, e tendo “voltado à escola” (como dizem os americanos) para obter um diploma em teologia e depois lecionar numa escola bíblica desde 1981, percebo agora que antes só tinha uma formação muito noção vaga das várias opções em escatologia.

Na sequência do excelente trabalho dos teólogos bíblicos dos anos 60 (*Alan Richardson* foi particularmente útil), estou agora completamente convencido de que, como diz, “o homem é mortal por natureza” (p. 163), que “o conceito antigo grego a doutrina da imortalidade da alma está em completa contradição com a ideia da ressurreição” (p. 167), que “é impossível conceber a personalidade ou o eu existindo sem um corpo” (p. 167), e que “uma alma sem corpo é, por isso, estranha à fé cristã”.

Se, como ainda afirma, “nós [cristãos] não apoiamos o não-materialista que postula uma alma imaterial acima do seu corpo físico”, porque é que o paroquiano médio da Igreja de Inglaterra (e os membros das principais denominações em geral) *realmente* Acreditamos neste tipo de alma sobrevivente, com base na implicação clara dos sermões fúnebres e no que parece ser o consenso aceite entre o clero?

Se “é uma pista falsa procurar dentro do corpo humano uma alma imortal, uma mente ou um eu residual que *de alguma forma* sobreviva à destruição da carne” (pp. 172, 173), seria possível iniciar (nesta década de evangelização) um emocionante regresso ao ensino bíblico sobre esta questão fundamental da natureza do homem, da morte e da esperança? Sem dúvida, um cristianismo mais vigoroso resultaria de uma visão clara do futuro, tal como é apresentada na Bíblia. Ao afirmar a esperança da ressurreição de toda a pessoa e de todos os fiéis no regresso de Cristo (*1 Coríntios 15:23*), traríamos imediatamente compreensão ao nosso estudo pessoal da Bíblia e desfrutaríamos do imenso benefício de refletir a voz dos apóstolos. Embora a ressurreição coletiva dos fiéis seja claramente apresentada em *1 Coríntios 15* e *1 Tessalonicenses 4*, muitos leem estas passagens (e ouvem-nas ser pregadas em funerais) sob a sombra confusa de uma noção preconcebida de que o momento da morte do indivíduo é o instante.

Muito mais importante do que o momento da morte é a esperança na vinda do Reino de Deus à terra e na ressurreição que o inaugura. Esta visão do futuro perpassa ambos os Testamentos.

Observas o que penso que muitos de nós podemos confirmar: “os sermões e os discursos sobre escatologia são, de facto, raros nas congregações cristãs” (p. 177). Isto deve ser porque o nosso ensinamento tradicional aceite confunde toda a questão ao falar sobre “almas” que deixam os seus corpos na morte. Isto deve levar à perda do ensino central do NT sobre a ressurreição do “Hades” como única forma de sair da morte. O Deus da Bíblia é aquele que “faz descer as pessoas à sepultura e as traz de volta”. Mas naqueles primeiros tempos parecia-me que havia uma perspetiva de subir sem ter de descer. Jesus emergiu do “coração da terra” ou “*Hades*” apenas através da ressurreição. E a experiência deles é o modelo para as nossas próprias expectativas.

Não é novidade apelar à reforma do pensamento cristão básico neste sentido. O relatório memorial do *Arcebispo Temple* de 1945, “*Towards the Conversion of England*” (Rumo à Conversão da Inglaterra), continha na secção 53 a declaração de que “a ideia da indestrutibilidade inerente da alma humana (ou consciência) deve ser a sua origem nas fontes gregas, e não bíblicas. Parece-me que até agora apenas falámos da visão bíblica da morte. Nada foi conseguido em termos de uma revolução de pensamento que pudesse alinhar o púlpito e os bancos com a visão bíblica hebraica do homem como uma unidade que necessita da ressurreição dos mortos, e não da sobrevivência dos mortos. Não é surpreendente que a escatologia não seja um tópico vital na igreja quando o nosso próprio ensino sobre as almas desencarnadas sobreviventes tornou o NT tão difícil de compreender. A grande virtude da esperança é prejudicada, se não abandonada, quando não partilhamos a clara expectativa de Jesus e da igreja primitiva de um futuro “despertar” coletivo da morte.

Escrevo como alguém que cresceu na comunidade anglicana e não foi exposto ao ensino bíblico aprofundado até aos meus 20 anos. O que tem sido de grande conforto para mim é ter uma visão clara do destino do homem, de que ele precisa de ser ressuscitado dos mortos e de que esta ressurreição é um acontecimento do futuro escatológico. Toda a questão da “*Parousia*” ganha relevo quando abandonamos a falsa noção de que os mortos sobrevivem imediatamente. O ensino tradicional (ao qual *Tyndale* também se opôs) altera a insistência da Bíblia de que a ressurreição é essencial para alcançar a imortalidade.

Obrigado novamente pelos seus ensinamentos encorajadores sobre a mortalidade do homem. A nossa oração é que seja lançada uma campanha para que os desejos da comissão de 1945 e a sabedoria dos teólogos bíblicos possam dar frutos na vida de muitas pessoas em Inglaterra e no Ocidente cristão. ^[16]

4. JULGAR

Também sob o título do que a Bíblia promete para o futuro está a questão de que os santos “julgarão” o mundo (*1 Coríntios 6:2*, etc.). É necessário um ajuste desta palavra enganadora “juiz”. Julgar na Bíblia não é simplesmente pronunciar juízo e condenar o mal. Esta é apenas uma das funções do juiz. “Julgar” abrange uma ideia muito mais abrangente. Significa exercer um cargo administrativo como, naturalmente, fizeram os “juizes” do livro dos Juizes. Na verdade, eram líderes políticos de Israel, e é por isso que os santos são nomeados para uma posição semelhante na era vindoura do Reino. Moffat resgatou o verdadeiro significado da obscura tradução “juiz”. Penso que concordará que esta tradução tem vida e significado: “Não sabeis”, Paulo repreende os Coríntios, “*Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas?*” (*1 Coríntios 6:2, 3*). Paulo adverte ainda que certas categorias de pecadores persistentes não herdarão o Reino (*versículo 9*). Estas declarações complementares definem bem o Reino de Deus. Herdar o Reino é tornar-se parte da administração executiva do Reino, tornar-se rei com Jesus. *Eric Sauer* captou lindamente a ideia quando escreveu que ser membro da igreja cristã na Bíblia significa ser membro da “aristocracia dominante, a equipa executiva oficial do Reino vindouro”. ^[17] Surpreende-me que quase não se faça qualquer referência a estas extraordinárias promessas na pregação. É claro que toda a ideia do futuro real dos crentes vem de *Daniel 7*, onde se diz cerca de quatro vezes que “*chegará o tempo em que os santos herdarão o Reino e todas as nações e línguas os servirão e obedecerão*”. *7:18, 22, 27, NVI*). Coisas politicamente perigosas, pode pensar. Não é de admirar, então, que Jesus esperasse que um dia dissesse àqueles que usaram os seus talentos com sucesso ao seu serviço: “*porque foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades*” (*Lucas 19:17*).

Quero mostrar a centralidade que este futuro desafiante tem no Evangelho para o crente. O facto é que Jesus faz do ofício real o cerne da aliança que fez com os discípulos pouco antes de morrer. Muito se fala na pregação sobre o derramamento do sangue de Jesus pelos nossos pecados, mas muito menos se fala sobre a aliança e o contrato que foi ratificado por este derramamento de sangue. Como é sabido, os pactos da Bíblia entram sempre em vigor com sangue. Assim, no Êxodo, Moisés revelou primeiro o que Deus esperava de Israel e o que Deus lhes prometeu pela sua obediência. Tomou então sangue e inaugurou a aliança divina derramando-o nos documentos que continham os arranjos que Deus fez com o seu povo (*Êxodo 24:7, 8*). A aliança estabeleceu Israel como executivos e sacerdotes de Deus responsáveis por levar o conhecimento de Deus ao mundo (*Êxodo 19:5, 6; 24:1-8*). E a mesma coisa acontece com a Nova Aliança. Jesus tinha acabado de falar do seu próprio sangue da aliança, que deveria ser recordado na prática da Ceia do Senhor (*Lucas 22:20*). Depois prosseguiu: “*Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel*” (*Lucas 22:28-30; Mateus 19:28*). Referia-se à futura reunificação das tribos da terra, um acontecimento que os profetas de Israel muitas vezes previram. Nesta passagem da Última Ceia, Jesus diz: “*como o meu Pai me designou...*”. Portanto, não existe apenas uma aliança abraâmica que promete a bênção da terra e da descendência (*Génesis 12; 15; 17; Salmo 105*, etc.), não existe apenas a famosa aliança davídica (*2 Samuel 7; 1 Crónicas 17*) que Baseia -se no pacto abraâmico e prevê a monarquia e o monarca do Reino ou terra prometida, mas finalmente existe o pacto jesuíta para o qual convergem estes pactos anteriores. Jesus Messias é o objeto de todas as promessas (*Gálatas 3:16, 19*) e Ele próprio é o soberano destinado a herdar o Reino, como a terra prometida do futuro, a terra habitada do futuro, como diz *Hebreus 2:5*. Hebreus chama-lhe “*uma salvação tão grande*”

(2:3). Eu penso que sim. A fé cristã convida-nos a participar no governo do mundo, com a imortalidade incluída como bónus!

Assim, a Bíblia é verdadeiramente o relato de como Deus pretende abençoar as nações através dos seus acordos com Abraão, David, Jesus e os fiéis. Que narrativa maravilhosamente coerente nos dá! Quão sublimemente simples e profundo é isto! A Bíblia é, na verdade, como alguém disse, uma piscina na qual as crianças podem mergulhar e os elefantes podem nadar. A história é tão compreensível e cativante para a criança de sete anos sem instrução como para o aluno experiente. Tudo se baseia na Terra e no Dono, no Homem e na Mensagem. Tudo remonta a *Génesis 12, Daniel 7, Salmo 110 e Salmo 37*. Não é de admirar que nós e os Cristadelfianos tenhamos adotado e nunca devamos esquecer o antigo credo de *Atos 8:12*. Isto resume muito bem a história bíblica: “*uando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres*”. Esta é a essência da fé abraâmica, e estas verdades foram por vezes recuperadas à custa de sangue, e nunca sem muito trabalho.

V. “VIDA ETERNA” OU “VIDA PERPÉTUA”

Uma última mudança na terminologia destacará a fé abraâmica. O termo “vida eterna” é uma representação pobre da sua origem judaica. A frase “*zoe aionios*”, conhecida por todos nós como vida eterna, significa na verdade a Vida da Era Vinda ou a Vida do Reino Vindouro, que é a mesma coisa. O nosso bom amigo, o falecido *Dr. Nigel Turner*, salienta nas suas excelentes “*Christian Words*” (Palavras Cristãs): “Seria impreciso traduzir “*aionios*” por ‘eterno’... Significa ‘de uma era ou dispensação futura’”.^[18] O *Dr. Turner* utilizou um eufemismo britânico característico. “É impreciso” traduzir “*aionios*” por “eterno”. Na verdade, é muito antijudaico traduzir a palavra por “eterno” ou “perpétuo”. Isto é muito vago e ajuda a obscurecer toda a ideia do futuro Reino de Deus na terra na Era Vinda. Ela obscurece e mancha a grande virtude cardeal da Esperança. Permite que todos os tipos de filosofias estrangeiras invadam a fé e apoia a vida no céu como um espírito desencarnado, algo sobre o qual Jesus nada disse. Além disso, a tradução de “*aionios*” como “eterno” em *Mateus 25:41* faz o leitor médio pensar no castigo eterno para os ímpios, uma ideia que *John Stott* abandonou recentemente^[19], e se os relatos estiverem corretos, muitos em a comunidade anglicana demitiu-se recentemente. Um forte argumento pode ser apresentado a favor da destruição dos ímpios com base no facto de que o fogo que destruiu Sodoma e Gomorra também é “eterno” (*aionios*), isto é, “tem a ver com a era futura do Reino”. (*Judas 7*). O fogo não continua a arder. O que Judas queria dizer era que o fogo antigo que destruiu aquelas cidades iníquas era do mesmo tipo que destruirá os iníquos no futuro. Refere-se ao fogo sobrenatural, e não ao fogo eterno.

Descobri que a tradução de “*aionios*”, onde quer que ocorra, como “tendo a ver com a era vindoura” ou “pertencente à era vindoura” lança muita luz sobre o texto e salva-nos de muitas interpretações erradas. Como é claro, por exemplo, que em *2 Coríntios 5:1* Paulo tem em mente o futuro corpo ressuscitado do crente que “temos”, isto é, temos como algo que Deus preparou para nós. É “*aionios*”, um corpo preparado para a era vindoura do Reino de Deus na terra. É um corpo que nos permite manter a nossa identidade. Será um corpo animado pelo espírito e nunca sujeito à morte.

VI. O DESTINO CRISTÃO

Devo referir, finalmente, dois outros itens da minha lista de sugestões para um regresso à linguagem da Bíblia. Em primeiro lugar, as frases “quando eu chegar ao céu”, fulano “foi para o céu”, “encontrar-nos-emos no céu”. Esta linguagem popular é muito diferente da linguagem de Jesus, que fala sempre em “entrar no Reino de Deus” ou “herdar o Reino de Deus” ou “herdar a terra” (*Mateus 5:5*).^[20] Esta linguagem é partilhada por Paulo, que por vezes a varia com uma expressão como alcançar “glória”. Isto transmite exatamente o mesmo objetivo, mas de uma forma menos calculada para despertar a ira do vigilante Império Romano, para quem a palavra “Reino” seria provocadora.

Em segundo lugar, poucas frases poderiam ser mais injustas para com a Bíblia do que a “consumação do Reino” ou “o fim dos tempos”. O que os nossos escritores cristãos esperavam era na verdade a *inauguração* do Reino, que José de Arimateia aguardava (*Marcos 15:43*), pelo qual Jesus disse para orar “*venha o teu Reino*”, e que se espera que não chegue ao “fim do tempo” ou da história, mas no fim dos tempos ou no fim da presente era maligna que marcará o início da Era Vinda e a consumação (*sunteleia*, *Mateus 24:3*), não do Reino, mas do presente foi mau.

Neste sentido bíblico, os cristãos são os verdadeiros “novos tempos”, esperando que a bênção de Abraão se espalhe por todo o mundo numa escala massiva desconhecida “*deste mundo perverso*” (*Gálatas 1:4*). Esse será o momento em que o Messias virá governar pessoal e localmente com os seus santos. Juntamo-nos aos crentes de todas as idades que clamaram: “*Maranatha*”, que o Senhor Messias regresse! Com esta esperança, assumiremos agora a tarefa de desempenhar a nossa parte no cumprimento de *Mateus 24:14*: “*E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim*”

É aí que reside o serviço cristão no sentido mais verdadeiro e abraâmico. As palavras são coisas escorregadias e, nas mãos de tradutores com mentalidade filosófica, podem fazer muito para embotar o brilho da mensagem bíblica do Reino e do Messias (*Atos 8:12*).

NOTAS FINALES

- [1] *Eerdmans*, 1989.
- [2] Compare, GNB sobre 1 Juan 1:1: “*Christ was alive when the world began*” (Cristo estava vivo quando o mundo começou)
- [3] “*Born Before All Time? The Debate About the Origin of Christ*” (Nascido antes de todos os tempos? O debate sobre a origem de Cristo), New York: Crossroads, 1992, 381.
- [4] *Brown*, “*Driver and Briggs Lexicon*” (Léxico de Driver y Briggs), Oxford: Clarendon Press, 1968, 768.
- [5] *Brown*, “*Driver and Briggs Lexicon*” (Léxico de Driver y Briggs), 86.
- [6] “*There was a time when the Son did not exist; God was not always a Father*” (Houve um tempo em que o Filho não existia; Deus nem sempre foi Pai) (*Against Hermogenes*, ch. 3 – Contra Hermógenes, cap. 3).
- [7] Com a única exceção assinalada, as seguintes traduções traduzem *João 1:3*, “*By it all things were made. Without it nothing was made*” (Por ele foram feitas todas as coisas. Sem ele nada foi feito): Tyndale Bible (1535), Coverdale (1550; Esta versão tem “o mesmo” em vez de “aquilo”), Matthew (1535), Taverner (1539), *La Gran Biblia* (de Cranmer) (1539), *Whittingham* (1557), *Geneva* (1560), *Bishop’s Bible* (1568).

- [8] Da correspondência com o autor.
- [9] *William F. Arndt and F. Wilbur Gingrich, "A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature"* (Um Léxico Grego-Inglês do Novo Testamento e outras literaturas cristãs primitivas), Chicago: University of Chicago Press, 1957, 480.
- [10] "*God As Spirit*" (Deus como Espírito), SCM Press, 1977, 144.
- [11] "*A Theology of Jewish-Christian Reality*" (Uma teologia da realidade judaico-cristã), Harper & Row, 1983, 82.
- [12] "*Gnosis: The Nature and History of Gnosticism*" (Gnosis: Natureza e Historia do Gnosticismo), Harper & Row, 1983, 372.
- [13] *John Nolland, "Word Biblical Commentary: Luke 18:35–24:53"* (Comentário Bíblico da Palavra: Lucas 18:35–24:53), Dallas: Word Books, 1993, Vol. 35C (on Luke 24:39 – Sobre Lucas 24:39).
- [14] *Keil and Delitsch, "Commentary on the Old Testament"* (Comentário ao Antigo Testamento), Hendrickson, 1989, Vol. 6, 361.
- [15] *G. A. Buttrick, ed.*, Nashville: Abingdon Press, 1962, Vol. 1, 802.
- [16] "*Written on January 25, 1995*" (Escrito em 25 de Janeiro de 1995).
- [17] "*From Eternity to Eternity*" (De eternidade em eternidade), Grand Rapids: Eerdmans, 1994, 93.
- [18] *T & T Clark*, 1980, 452, 455.
- [19] Ver "*John Stott on Hell*" (John Stott sobre o inferno), World Christian, May 1989.
- [20] A GNB obscurece aqui toda a promessa parafraseando: "Recebereis o que Deus prometeu", e o leitor fica a pensar no que Deus prometeu..